

RESENHA DE *GUIMARÃES ROSA: FRONTEIRAS, MARGENS, PASSAGENS*, DE MARLI FANTINI

Salete de Almeida Cara
Universidade de São Paulo

O s leitores-rosianos de *Guimarães Rosa: Fronteiras, margens, passagens* (Ateliê Editorial/Editora Senac São Paulo, 2004) farão, por certo, mais uma (e outra) viagem guiados agora pela leitura exigente e criativa de Marli Fantini. A primeira surpresa é o próprio caminho da autora, sem escamotear conflitos, desencontros, dificuldades e contradições. O primeiro passo, bem armado por uma ampla bagagem teórica, foi dar atenção à matéria rosiana incluindo, num só gesto de leitura, a experiência do filho do “seu” Floduardo Rosa, a do homem público diplomata de carreira, e a do homem apaixonado pelos gerais mineiros. O que, de saída, arma a complexidade da questão crítica, perseguida na sua transformação e exposição enquanto obra literária que continua desafiando seus leitores de modo vivo. Aos mais atentos não parecerá ocasional a substituição de Machado de Assis por Guimarães Rosa como objeto de estudo de Fantini, passagem que talvez tenha significado ir atrás de um outro modo de representação, em outro tom e outras circunstâncias, da relação entre o homem socialmente inserido e os despossuídos e marginalizados.

A complexidade da relação é sugerida pela própria autora no esboço de personagem que ensaia traçar quando conta sobre seu encontro com Seu Manuel Nardy, o Manuelzão da obra de Rosa. O olhar atento às mediações que se inscrustam na figura do Manuel(zão) pós-Rosa, aponta para a questão central que vai perpassar toda a sua leitura. Pois o que chama a atenção de Marli Fantini no “sertanejo-cosmopolita”, é justamente a mescla de traços rosianos e hollywoodianos exibida pela personagem rediviva e desenvolta. Mescla que serve, de modo ambíguo, tanto para uso político-marqueteiro de

figurões e para consumo da obra pelo seu lado mais pitoresco (dos meios de comunicação de massa aos anfiteatros de colégios e universidades), quanto para as críticas do próprio “Manuelzão” à degradação do seu meio-ambiente, tentando (inutilmente?) se fazer ouvir por muitas pessoas mais interessadas numa leitura abusada, pitoresca e superficial de um vaqueiro “literário”.

Ainda que a perspectiva crítica de Marli Fantini pense a “poética de fronteiras” rosiana sobretudo como “forma permeável e produtiva de intercâmbio cultural”, compartilhando de algum modo a própria aposta otimista do escritor no futuro da América Latina como centro irradiador e na “potência restauradora da literatura”, aquele esboço de figura sertaneja fronteiriça, posta entre o rés do chão, a dimensão literária e a mitificação midiática, leva água para a singularidade de uma obra que já se movia num tempo de ameaças de rebaixamento do fazer literário, sabendo no entanto que papel e tinta tinham mais poder do que escuta e fala. Para o bem e para o mal. De modo que o resgate da “tradição oral recalculada em quase 500 anos de colonização” em Rosa, é tomado aqui como posição crítica do contraditório projeto de modernidade latino-americana, e não deixa de carregar consigo a possibilidade aberta pela provocação da própria Marli Fantini, ao perguntar a Manuel(zão) porque ele mesmo não assumira o lugar daquele que conta a história, passando ele a relatar os “causos” de Rosa pelas Europas. “Se eu soubesse escrever como o João Rosa, a senhora acha que eu estaria aqui repetindo os causos que já contei para tanta gente centenas de vezes?” é a resposta.

Mas se a contradição rosiana entre rejeição das utopias políticas e aceitação das utopias literárias só pode fazer parte de uma experiência letrada, a sabedoria de Manuelzão quanto aos limites impostos pela moderna especialização do trabalho também contamina o diplomata, como mostra Fantini ao referir-se ao trabalho de Heloísa Vilhena com o material diplomático de Rosa, revelando o homem público ciente da necessidade de defender os limites nacionais. E se o “jagunço-letrado” Riobaldo é visto aqui como alternativa a um projeto de modernização autoritária de exclusão, ele também está distante daqueles catrumanos que acompanham Zé Bebelo e são comparados aos atuais “sem-terra” de Buritis! As metamorfoses sofridas por Riobaldo podem, portanto, alargar o debate sobre o “paradigma migrante” da subjetividade moderna – vetor de novas negociações e de incorporação efetiva da diferença?

Os ensaios críticos deste livro abrem várias frentes para tratar dos caminhos de um trans-regionalismo que não aceitava o álibi de um “regio-

nalismo pitoresco”, e cuja ousadia no “contexto insurgente dos anos 60”, como observa a autora, envolve pesquisa e inovação do léxico e da sintaxe como base para o salto para tentar ultrapassar fronteiras hegemónicamente traçadas. De um ponto de vista teórico, naquele momento o salto vinha ao encontro de uma aposta política em “nova ordem simbólica”, num continente marcado por transplantes culturais e num momento de repressão generalizada. Via de regra as leituras de Marli Fantini privilegiam o que há ali de “permeabilização entre vários planos anacrônicos e mesmo contraditórios entre si” para recuperar a permanência da obra de Guimarães Rosa em tempos das novas diásporas pós-modernas e das “guerras contra o terror”. Todavia a aposta de Edward Said e de Homi Bhabha na apropriação de um espaço alternativo que pudesse reunir “exilados, émigrés, refugiados”, sendo que Bhabha pensa ser possível abranger culturalmente “toda uma comunidade de extraditados em trânsito”, inadvertidamente nos faz lembrar, mais uma vez, o “seu” Manuel Nardy, Manuel ou Manuelzão, denunciando “as queimas de carvão, as erosões das margens do São Francisco, o desmatamento do cerrado e, em lugar da vegetação característica da região, seu (inadequado) reflorestamento por eucaliptos”, como tínhamos lido à página 27.

Quando recupera, entre outras, a voz do peruano Cornejo Polar no debate latino-americanista, Marli Fantini tensiona a reflexão, trazendo a preocupação do crítico em relação ao “rechaço/assimilação de oralidade e escritura”, que o leva a querer “fazer da contradição o “objeto de nossa disciplina [o qual] pode ser a tarefa mais urgente do pensamento crítico latino-americano”. Também a análise do conto “A menina de lá”, de *Primeiras Estórias*, cuja interpretação conclui por uma “alegoria ao progressivo desaparecimento de culturas subordinadas ao processo de modernização”, dando conta de que a “empresa de preservação ou recuperação cultural realizada pelo narrador é ambígua e parcialmente falha”, leva a pensar seriamente no sentido que pode ter a substituição da metáfora da coesão (“muitos-comum”) pela “soma iterativa de alteridades” (Bhabha), como lemos à página 112. Pois o Guimarães Rosa que surge nessas margens, fronteiras e passagens das teorias aos textos literários parece depender de algo mais, além da mera soma de diferenças.

Nas páginas deste livro o sujeito transculturador, para usar o termo de Ángel Rama caro à Marli Fantini, assume o desafio de romper com a

opressão, como indica a leitura de “A Terceira margem do rio”, de tal modo que o “prognóstico salutar” de um Canclini, de um Bhabha ou mesmo de um Said ou do próprio Rosa (“o século do colonialismo terminou definitivamente”) fica de certo modo suspenso pelo desafio inconcluso da herança paterna. O que fazer? Como fazer? O penúltimo capítulo volta ao tema pela análise de uma novela: “qual é afinal o recado do morro? O que o morro manda dizer?” O “alerta contra a letargia de um Brasil periférico à mercê de perspectivas colonizadoras”, o abalo do ocultamento de “histórias recaladas” se traduz em aposta num “troglodita e estrambótico”, num “imbecil”, num “menino”, num “bobo da fazenda”, num “louco”, num “outro doido” e no “artista, poeta, compositor”. O “canto coral” daquela gente, coesos no chão comum da marginalidade, comove o naturalista alemão disposto a “comentar muito, em inglês ou francês”, aquela dentre as muitas “cantigas migradoras que pousam no coração do povo”. Esse “canto coral” poderá ensinar a quem veio repleto de saber? “— Digno! Digno! como na saga de Hrolf filho de Helgi [...] Referia-se: “— Ah, está em *Saxo Grammaticus*!”.

A história da modernidade do sertão e do país tem em Guimarães Rosa um de seus narradores, e o paradoxo dessa modernidade acaba se insinuando na narrativa de Rosa, marcando os “limites utópicos da modernidade ocidental como um todo e, em particular, do processo de modernização do Brasil”. A aposta positivada se tinge de maus presságios. Por isso, o último capítulo também trata da ambigüidade farsesca, a despeito da festa como alternativa de comunidade – “a festa consagrada pela literatura rosiana celebra a relatividade, a renovação e a abertura de fronteiras para a circulação do que estava estagnado”. O contador de histórias popular, que fantasia, não é entretanto o historiador culto, letrado e humanista, como lembra Fantini numa referência à Machado de Assis, tirada de uma crônica de *História de quinze dias*. E “quem moe no aspr’o não fantaseia”, podemos incluir, lembrando o Rosa de *Grande Sertão: Veredas*. Quem conta e o que contam as narrativas de Rosa?

Mais um outro capítulo talvez pudesse ter costurado as tensões disseminadas ao longo do livro recuperando, quem sabe, o enigma proposto à autora pelo Manuel que exibia “sua coleção de facas e facões, recorte de revistas com figuras de cowboys da Souza Cruz e de Hollywood”. A não ser que essa seja apenas uma obsessão de leitor estimulado pelas ricas e variadas questões que este volume vem propor.